



CONTRA-COLONIZAÇÃO NA FRONTEIRA: ESTRATÉGIAS SENSÍVEIS DE COMUNICAÇÃO DOS ATINGIDOS PELO PROGRAMA LAGOAS DO NORTE

Sarah Fontenelle Santos¹

Introdução

Neste trabalho analisamos o Boletim Esperança como estratégia comunicativa sensível (SODRÉ, 2006) de luta em defesa do direito à cidade (LEFEBVRE, 2001) dos atingidos pelo Programa Lagoas do Norte (PLN) em Teresina-PI. Observamos este dispositivo midiático no contexto das estratégias sensíveis que apostam na comunicação para defender o direito à cidade, mas que surgem agregadas (e por vezes, espontâneas) junto a outros dispositivos, igualmente importantes, sem os quais este não faria sentido. Performances, instalações de arte, Show da resistência, reportagens especiais na editoria Esperanças no site OcorreDiário², Página no *Facebook* “Lagoas do Norte pra quem?”, documentários, manifestações de rua, boletins, são as estratégias comunicativas utilizadas para anunciar o direito à cidade reivindicados pelos atingidos do PLN.

O PLN tem como objetivos declarados a urbanização da zona norte de Teresina, todavia, ao desapropriar famílias de seus modos tradicionais de vida, violam os direitos à moradia e à cidade. É neste processo, que surgem, desde os saberes e práticas, uma comunicação insurgente, cuja a matriz de pensamento é contracoloniaalista e afropindorâmico, (SANTOS, 2015). Este megaprojeto

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - fontenellesarah@gmail.com

² Plataforma de comunicação que visa construir comunicação popular junto aos movimentos sociais no Piauí.

é financiado pelo Banco Mundial (com contrapartida da prefeitura de Teresina e do Governo Federal, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC) e visa uma reforma profunda no cenário urbano da zona norte, área historicamente considerada periférica. No período entre 2009 a 2014 foram removidas 493 famílias (TERESINA, 2014). Para além dos dados oficiais, as famílias denunciam irregularidades nas remoções³. O programa estipula impactar cerca de 2 mil famílias, diante disso, estratégias midiáticas de resistência são traçadas.

Para discutir sobre os processos de midiaticização dialogamos com Hajarvard (2014). Frente aos processos desleais na arena midiática vê-se a necessidade de uma comunicação, por isso recorremos à Martín-Barbero (2014) que afirma os processos de diversidades em convergências. Articulamos junto a esta discussão teóricos da comunicação como Sodré (2017) e seu pensar nagô, bem como a comunicação sensível e a arte de tecer o cotidiano de Medina (2003). A teórica Anzaldúa (2005) colabora com a epistemologia de fronteira e a consciência mestiça, assim como Krenak (2019) e o pensamento indígena. Destacamos que existem práticas comunicativas insurgentes e contra-colonialistas que rompem o cerco do monopólio da fala e seus autoritarismos.

Contracolonialismo na fronteira

A práxis que ensejamos neste artigo nos mobiliza a refazer as trilhas do pensar, ou seja, nos compele a um outro modo de ver o mundo e atuar sobre ele. A pergunta que aqui nos sulea “É possível pensar a comunicação desde a cosmovisão afropindorâmica?”, guarda muitos questionamentos sobre o modo como fizemos ciência até aqui e de nossas práticas sociais e comunicativas.

Portanto, cabe dizer que o diálogo aqui feito convida a olhar em todas as direções, a apreender outros recursos e a comunicar convidando outras modalidades do sentir. E se fazemos isso é para não cair no engano de tentar traduzir apagando trajetórias, mas sim, por em diálogo os sujeitos comunicativos que historicamente foram aliados de *dizer a sua palavra*.

³ Uma das estratégias comunicativas dos atingidos pelo PLN é a editoria “Esperança” no site OcorreDiário, desta feita, uma das denúncias de demolição de casas pode ser observada no referido site. <https://ocorrediarario.com/proximadamentetrinta-casas-demolidas-e-teresina-aniversaria-lagoas-do-norte-ou-palha-de-arroz/>

Para constituir seu pensamento-ação contracoloniaalista, Santos (2015), afirma que no processo de escravidão do Brasil o colonizador eurocristão procurou destituir os povos afropindorâmicos de suas bases de valores socioculturais, atacando suas identidades individuais e coletivas, ao instalarem uma visão de mundo pautada na religiosidade eurocristão monista, se ataca diretamente as cosmovisões afropindorâmicas, assim sendo: Desterritorializa (Com um Deus Onipresente); Impõe uma hierarquia verticalizada (Com um Deus onisciente acima de tudo e de todos); Demarca a impossibilidade de concretizar a vida em sua plenitude (Com um Deus inatingível).

Esta colonização da vida desde as bases religiosas, segundo Santos (2015), se organiza pelas bases Excluvistas de viés masculino e tende a desenvolver sociedades homogêneas e patriarcais. Se organiza em bases verticais, pois olha apenas em uma única direção, sendo portanto, também, linear. Em contraposição, as cosmovisões afropindorâmicas são pluristas, olham em todas as direções, são pluripotentes; tendo a compreensão de várias forças que compõem o universo e são materializados através dos elementos da natureza. Este modo de ver e viver o mundo, mobilizam as forças que quebram o paradigma da separação binária, presentes por exemplos nas compreensões: Natureza *versus* Cultura; Emoção *versus* Razão; Natureza *versus* Razão. Sendo um pensamento circular, não separa em caixas disciplinares as diversas habilidades necessárias a pensar e agir no mundo. Comunicar, fazer política, biointeragir com a natureza, cuidar do espaço-tempo, do território, fazer arte ou ciência, todas essas ações circulam, em vez de verticalizarem-se buscando linearidades excluvistas.

Assim, afirmamos a necessidade dos estudos de comunicação midiática observando desde as cosmovisões afropindorâmicas para não incorrer no erro de praticar os epistemicídios corriqueiros na ciência, inclusive quando tenta traduzir os modos de ser-viver do *Outro*. Todavia, por nos encontrarmos em fronteiras epistêmicas, onde subsistem bases do pensar de diversas matrizes, consideramos importante dialogar com Anzaldúa (2005) para quem “la mestiza é um produto da transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro” (ANZALDÚA, 2005, p. 705).

Glória que se considera Chicana, reivindica a ancestralidade indígena, mas entende que nasceu posicionada entre duas culturas, donde emerge a luta de fronteira. Desta feita, a fronteira, a mestiça, como ela afirma, se encontra em tensão das

culturas “El choque de un alma atrapado entre el mundo del espíritu y el mundo de la técnica a veces la deja entullada” (ANZALDÚA, 2005, p, 705). O choque aprisiona, paralisa, anestesia, à medida que tem toda uma cultura sendo negada em seu interior, em suas entranhas, por isso ela afirma “é uma luta de carne”. Esta negação é cotidianamente experimentada nos diversos âmbitos da vida, inclusive, é fundamentada pela ciência. Os saberes, conhecimentos e formas de fazer ciência dos povos tradicionais e originários foram relegados ao patamar de esoterismo. É justamente sob a negação de ser, sob a violação da racionalização, sob a postulação científica de ser sempre “*O Outro*”, que os povos subalternizados se movem em contra-colonização permanente desde ontem:

La mestiza tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta, de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir. (ANZALDÚA, 2005, p. 706).

Desta feita, é necessário um trabalho comprometido para pensar-criar-mover as noções paradigmáticas da comunicação para enredarmo-nos nos contextos subalternizados e criar outras trilhas, ou mesmo visibilizar as existentes. Para isso, é preciso torções epistemológicas também para entender a comunicação intrínseca as cosmologias afropindorâmicas, nos espaços de resistências sociais, tais como as ações contra-coloniais pelo direito à cidade imbrincadas no caminhar dos atingidos pelo Programa Lagoas do Norte. Vale dizer, que o esforço aqui não caminha na direção de negar autores do norte do mundo, pois compreendemos que trazer o Sul ao seu lugar de visibilidade, não impõe anular o outro, embora, façamos uma opção preferencial para pensar com este campo.

É possível pensar a comunicação midiática desde outra cosmologia?

Estamos constantemente reelaborando nossas formas de agir no mundo, o que está relacionado às formas que escolhemos para nos comunicar, as estratégias podem ser diversas, e a midiaticização está cada vez mais fazendo parte das relações diárias. Segundo Hajarvard (2014), “Cada vez mais, outras instituições necessitam de recursos de mídia, incluindo suas habilidades de representar a informação, construir relações

sociais e ganhar atenção com ações comunicativas” (HAJARVARD, 2014, p. 21). Para o âmbito deste trabalho cabe problematizar: quais habilidades de representar informação estão intrínsecas nos espaços-tempos soterrados pelas práticas hegemônicas?

Ainda segundo Hajarvard (2014), há no processo de midiatização uma ritualidade e racionalidade. Neste ínterim é possível observar, em primeiro lugar, que há codificações, regras (técnicas) e recursos (infraestrutura que possibilita as práticas sociais). Podemos citar que nas redações convencionais há normas formais ou informais convencionais, tais como um tipo de periodicidade que caracteriza tal mídia, uma forma específica de informar que envolve uma linguagem técnica, o posicionamento das imagens, o lead, o valor-notícia, dentre outros, que são padrões e regras que justificam-se pela institucionalização de códigos. O que foge a estas regras e padrões é comumente posto à margem ou usualmente é posto do lado de fora das caixas comunicacionais. Sendo assim, é possível entender que há uma lógica que perpassa as diferentes mídias.

A noção de uma lógica da mídia é usada para reconhecer que os diversos meios de comunicação têm características específicas e *modi operandi* que influenciam outras instituições e a sociedade como um todo, já que eles contam com os recursos que a mídia tanto controla quanto torna disponíveis (HJARVARD, 2014, p. 26).

Em segundo lugar, é preciso observar que a mídia também opera nas mudanças tecnológicas. Percebemos que as regras e recursos que possibilitaram, muito facilmente, apartar as lógicas institucionais de determinados padrões comunicativos, hoje configuram outros trânsitos. Tornando as fronteiras mais fluidas. Em terceiro lugar, Hajarvard (2014), nos leva a entender que a mídia se torna institucionalizada e interfere nas práticas sociais. Podemos arriscar dizer que as práticas sociais também interferem na institucionalização dos novos trânsitos midiáticos. Portanto, é preciso, antes de mais nada conhecer as lógicas, estruturas e processos de institucionalização das mídias estudadas. Por este ponto de vista, cabe questionar as diversas investidas acadêmicas para denominar o que é comunicação ou mídia, apartando assim processos indiferentes às lógicas institucionais hegemônicas. Como delimitar conceitualmente as lógicas como midiáticas ou não, sem sequer adentrar nas lógicas culturais e processuais de dadas estruturas?

Por isso, consideramos importante dialogar com Martín-Barbero e sua noção de convergência, para entender que processos comunicativos estão invisibilizados, apagados ou relegados ao andar debaixo da verticalização das lógicas acadêmicas subalternizadoras. É preciso convergir para tornar comum outras estratégias comunicativas.

Antes de aparecer no campo da tecnologia, a ideia de convergência estivera presente no âmbito da cultura através da noção de interculturalidade, que nomeia a impossibilidade de uma diversidade cultural compreendida de cima, isto é, desejada ou regulada à margem dos processos de intercâmbio entre as diversas culturas (...) (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 19).

Para Martín-Barbero (2014) é necessário atuar nas condições do traduzível e do indecifrável da cada cultura, ao mesmo tempo. A tarefa é operar nos limites e nas possibilidades para que as diferentes culturas se reconheçam, sem que haja, entretanto, posições hierárquicas de subalternização de uma cultura sobre a outra. Nestes termos, sim, abre-se a perspectiva para indagar as dominações, desde as brechas, buscando a recomposição dos cenários.

Lopes (2019), ao estudar a teoria barberiana, afirma que a cartografia sendo histórica e geográfica, mostra as relações humanas com o território, no bojo os seus conflitos, e ao mesmo tempo, a historicidade de nossos saberes. A elaboração do mapa noturno, na teoria barberiana, se mostra salutar para tempos fluídos, incertos e aparentemente embotados de esperança, uma vez que procura ressituar os estudos de comunicação e dos meios a partir das matrizes culturais.

A busca por torcer velhos horizontes e reconfigurar outros, enseja novas perguntas, e mais ainda, compele a reelaboração do lugar de onde se faz a perguntar e de quem as faz. Para caminhar na noite é preciso sagacidade e olhos apurados aos detalhes, ao que parece pequeno, aos vultos. Exige, também, entender as condições estruturais e subjetiva, sem deixar que uma se sobreponha a outra. Nos termos de Harvey (2015) é necessário compreender a espaço-temporalidade absoluta, relativa e relacional, de modo que as mesmas criem significados entre si. “É apenas quando a relacionalidade se conecta ao espaço e ao tempo absolutos da vida social e material que a política se torna viva. Negligenciar esta conectividade é condenar a política à irrelevância” (HARVEY, 2015, p. 151). É preciso fazer os entrelaçamentos capazes de compreender a complexidade da realidade, sem perder de vista a inteireza da vida.

Trata-se de garantir as devidas importâncias aos espaços vividos e experimentados (o espaço-tempo dos afetos, por exemplo), mas também garantir a reflexão sobre os espaços materiais, absolutos e relativos.

Na tentativa de não ancorar este estudo numa perspectiva circunscrita apenas no culturalismo, mas também tendo em vista a dimensão afetiva dos dispositivos comunicacionais, dialogamos com Sodré (2006) e suas estratégias sensíveis. O autor, advoga que é necessário compreender as “variadas dimensões da sensibilidade contrapostas às da razão da cultural ocidental” (SODRÉ, 2006, p. 17), mas acautela-se dos terrenos arenosos da des-historização.

Sodré afirma que “quando se age afetivamente, em comunhão, sem medida racional, mas com abertura criativa para o Outro, estratégia é o modo de decisão de uma singularidade” (2006, p. 10). Trata-se de uma singularidade que não se encerra no individual, mas convida coletividades a partilhar, contrapondo-se às lógicas da hegemonia mercadológica, contudo, não nos escapa as possíveis capitulações do sensível por parte da flexível condição do capital, que a tudo abocanha e apropria. Faz-se necessário, manter observância aos relativismos, que podem encarcerar no labirinto mercadológica, em vez de criar rotas emancipatórias. É preciso cuidado para não deixar as distrações do capital instrumentalizar os afetos.

(...) a dimensão do sensível implica uma estratégia de aproximação das diferenças - decorrente de um ajustamento afetivo, somático, entre partes diferentes num processo -, fadada à constituição de um saber que, mesmo sendo inteligível, nada deve à racionalidade crítico-instrumental do conceito ou às figurações abstratas do pensamento. (SODRÉ, 2006, p. 11).

Assim compreendemos as estratégias sensíveis podem se dá por estratégias espontâneas nas situações interativas, sem a racionalidade calculadora, mas percebendo que sentir implica a dimensão da corporeidade, que convoca, um corpo e espírito, ou seja, convida a enxergar o visível e o invisível, material e imaterial, as presenças e as ausências. Tais processos se dão para além da binaridade da existência de um emissor e receptor, como afirma Sodré (2014), talvez as estratégias se dêem também antes e depois da formulação da mensagem, do meio escolhido e de sua recepção. O sensível, possibilita enxergar o entre.

Nas tradições afropindorâmicas, como dito anteriormente, que elaboram desde uma circularidade, se perfaz nas relações sensoriais de estratégias espontâneas de afeto.

Onde é possível a composição de uma inteligência sensível, que como afirma Medina (2003) enseja: Sentir-Pensar-Agir. Nesta visada, a comunicação social precisa convocar a poética da interpretação para não insistir nos equívocos dos signos da divulgação, da verticalidade presentes na fala monopólica do mercado.

Há elaborações ricas e vivas que foram capazes de atravessar os tempos das desordens e do genocídio e são importantes para fortalecer corpos-espíritos comunicantes. Uma delas é possível ser entendida por Sodré (2017), onde afirma que nenhum pensamento se origina exclusivamente da palavra “e sim principalmente da espacialidade instaurada pelo corpo em sua vincula o ao entorno  tico e existencial, portanto na rela o concreta entre homens e natureza” (SODRÉ, 2017, p. 81). Recusa-se, portanto a separa o absoluta entre o dentro (corpo) e o fora (o mundo) transbordando as representa es comunicativas. Outro ponto importante desde essa composi o da filosofia a toque de atabaque   que

(...) a diátese média da *Arkh * não se perfaz no mero circuito da fala - escrita ou oral - entre um locutor e um ouvinte, uma vez que o discurso abrange os vivos e os mortos como parte de um processo que funda e atravessa continuamente os sujeitos, “tanto pessoas” quanto “não pessoas”. (SODRÉ, 2017, p. 83).

Outra dimensão importante para imaginar-construir uma comunica o sensível capaz de agir na diversidade, seja ela cultural ou no âmbito dos afetos,   a dimensão do sonho como domínio espaço-temporal do conhecimento. Krenak (2019) afirma o terreno dos sonhos como a possibilidade de adiar o fim do mundo para “sempre poder contar mais uma história” (KRENAK, 2019, p. 27). Segundo diversas cosmologias indígenas o sonho   reconhecido como um exercício disciplinado de forma o para sentir-pensar a vida.

(...) institui o do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada   forma o,   cosmovisão,   tradi o de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado de autoconhecimento sobre a vida, e a aplica o desse conhecimento na sua intera o com o mundo e com as outras pessoas. (KRENAK, 2019, p. 53).

Aqui está uma chave de entrada para o pensamento de Sodré (2017), que nos encaminha a pensar estratégias sensíveis, que não estão nas aparências e nem apenas na exterioridade do mundo, mas exige uma corporeidade implicadas em outras

dimensões não evidentes, muito embora possam ser exequíveis. Bem como a comunicação sensível de Medina (2003), onde a arte de tecer o cotidiano enseja a poética da interpretação:

Uma inteligência ágil, disciplinada e intuitiva desborda numa narrativa que reencena o mundo e os protagonistas que nele se movimentam; uma inteligência sensível, afetuosa ou emocionada, mergulha no intimismo da situação ou a transcende na poética; e uma inteligência analítica ensaia a decifração possível do que se apresenta na aparência indecifrável. (MEDINA, 2003, p.138).

Estamos, portanto, na fronteira que nos impele a sonhar-construir o novo, sendo arquitetos da diversidade e abrindo campo para contar muitas histórias. Contar, no exímio significado de seu saber, “Pois contar significa narrar histórias, ser considerado pelos outros” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 20). Contar uma história a mais para preservar memórias, patrimônios, saberes, ciências e conhecimentos. Aí reside a natureza comunicativa capaz de lançar luz nos ambientes noturnos.

Comunicação e cidade: o praticar-sonhar por uma cidade coletiva

Sonhar como um agir em contra-colonização permanente é estar na fronteira entre o real imaginado e o real absoluto. É entender que nas materialidades absolutas da negação de direitos é possível caminhar. Para Levefreve (2001), dois passos mentais devem ser tomados para pensar o direito à cidade e a construção de um novo humanismo confluyente com a nova práxis da sociedade urbana: a) Transdução: operação intelectual metodológica que realimenta incessantemente o conceitual e as observações empíricas; b) utopia experimental: que deve ser considerada experimentalmente, estudando-se na prática suas implicações e consequências.

O teórico francês nos ensina que o direito à cidade é também o direito de se apropriar da cidade e construí-la participativamente, coletivamente. Sendo um espaço-tempo, de conflitos e tensões, a tarefa exige um esforço permanente. Segundo o autor, há que se questionar:

Quais serão os locais que socialmente terão sucesso? Como detectá-los? (...) Quais tempos, quais ritmos de vida cotidiana se inscrevem, se escrevem, se prescrevem nesses espaços 'bem sucedidos', isto é, nesses espaços favoráveis à felicidade? É isso que interessa. (LEFEBVRE, p. 110).

É justamente na defesa dos ritmos da vida cotidiana que os atingidos pelo PLN elaboram suas estratégias de permanência nos territórios, onde vivem de modo circular em bioteração com a natureza, sendo: ribeirinhos, pescadores, vazanteiros, artistas da cultura popular, donas de casa, aposentados, professores (as), são sujeitos diversos que pensam-fazem a cidade em respeito com seus modos de vida. Tais sujeitos reivindicam sua ancestralidade negra e indígena, sendo comum, nas rodas de conversa lembrarem a história da região, onde viviam indígenas e, mais tarde, escravizados refugiados. Muitas práticas e saberes, vale dizer, foram interrompidos com a chegada PLN.

Segundo o Marco de Reassentamento involuntário de 2014, o Programa Lagoas do Norte (PLN) é “um programa da Prefeitura Municipal de Teresina – PMT, em parceria com o BIRD e o Governo Federal, que tem como objetivo atuar, a partir de ações integradas com abrangência multissetorial, em 13 bairros da zona norte da cidade de Teresina, onde residem cerca de 100 mil habitantes”. É estruturado em três componentes: Modernização da Gestão Municipal; Requalificação Urbana e Ambiental e – Desenvolvimento Econômico e Social. Apesar disso, é notável os esforços concentrados da prefeitura na remoção dos moradores. Depois de cerca de 10 anos de programa e várias investidas de parte da população em permanecer em seus territórios, finalmente, o Banco Mundial, respondeu aos pedidos dos moradores se comprometendo a averiguar as denúncias quanto a irregularidades das remoções.⁴

Análise: Boletim Esperança

O *Boletim Esperança* emerge em abril de 2019, composto a partir de oficinas com moradores da região e colaboradores. E este é um ponto importante de análise, pois todos os processos de defesa do referido território se dão em muitas parcerias, tendo em vista que esta pauta ganhou a solidariedade da cidade de Teresina, tendo mobilizado unidades no campo político e artístico, levando a um debate pelo direito à cidade de modo criativo e coletivo.

O boletim tem duas edições, a segunda foi publicada em julho de 2019. Nota-se que o Boletim nasce como uma estratégia sensível perante a necessidade de

⁴ “Programa Lagoas do Norte: Banco Mundial abre investigação para apurar violações do direito à moradia em Teresina”, assim anuncia a reportagem no OcorreDiário. <https://ocorrediarario.com/programa-lagoas-do-norte-banco-mundial-abre-investigacao-para-apurar-violacoes-do-direito-a-moradia/>

Esperançar, como o próprio nome da mídia sugere. Como quase todos os dispositivos utilizados nesta resistência (já realizamos outros estudos para entender os outros dispositivos midiáticos neste processo), este também decorre das demandas táticas, que podem ser momentâneas e espontâneas, na medida em que as condições exigem e permitem, desafiando as lógicas da periodicidade imposta pela racionalidade midiática de mercado. Isto pode justificar o fato de que o projeto nasceu com a ideia de ser bimestral e acabou não tendo outras edições no segundo semestre de 2019, segundo relatos, durante as vivências desta observação participante (parte da metodologia utilizada para construção deste artigo).

Figura 1 – Capa da primeira edição do Boletim Esperança.



FONTE: Acervo da autora.

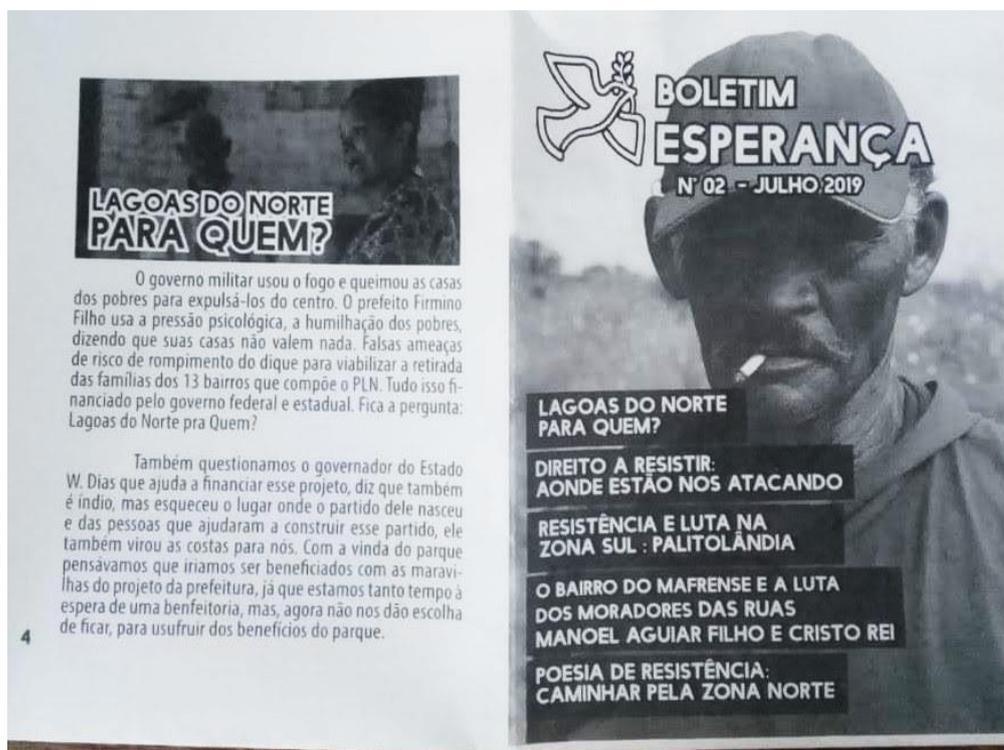
Na capa da primeira edição do Boletim, o verbo esperançar se conjuga pelo retorno de um lavrador a sua terra – o senhor vinha sofrendo ameaças de um empresário local, que destruiu por diversas vezes suas plantações na Av. Boa Esperança, à beira do rio Parnaíba – que teve ganho de causa na justiça. Segundo o Boletim, a vitória se deu pela articulação de advogados populares junto com o Centro de Defesa Ferreira de Sousa (associação que atende as demandas locais), demonstrando mais uma vez articulação entre os sujeitos em movimento na cidade.

As páginas seguintes dão conta de denunciar novas ameaças de remoção no Bairro Mafrense, mas também dá conta das articulações feitas entre os moradores e a Defensoria Pública da União, Ministério Público e o Conselho de Arquitetura e Urbanismo para garantir uma comissão de Avaliação técnica independente. O boletim finaliza dando a agenda das próximas atividades.

Na segunda edição é possível observar mudanças na diagramação e organização do conteúdo, com as manchetes na capa, assim como a numeração nas páginas. A edição abre com um texto dos moradores da Palitolândia, região da Vila Irmã Dulce (criada há cerca de 20 anos já foi considerada uma das maiores ocupações da América Latina), zona Sul de Teresina, com suas reivindicações. Neste sentido, é possível perceber que a luta pelo direito à cidade se dá também na busca por entrelaçamentos de norte a sul da cidade, pois a cidade coletiva deve caminhar junto às várias demandas que emergem de muitas tensões. A cidade é uma teia, cujo os fios se encontram na luta coletiva.

Ambas as edições, nos dão pistas de que para entender as estratégias comunicativas realizadas nas fronteiras afropindorâmicas, é preciso repensar a comunicação, suas regras e padrões, pois ensinam um modo próprio de produção, apresentam outra estética e, talvez mais importante, se dá em espaço-tempo diferenciado. A linguagem pode ser a poesia, uma imagem, um mapa, um diálogo, os jeitos brotam desde a cartografia da diversidade nas urgências de contar, porque contar é existir, pois registra memórias e estratégias de vida.

Figura 2: Capa da segunda edição do Boletim Esperança.



Fonte: Acervo da autora.

Contar histórias, nas urgências das memórias, é também um modo de apropriação dos espaços da cidade, uma vez que demanda uma elaboração mental e prática para existir na cidade, sendo a cidade. Midiaticamente Esperançar se torna uma práxis que experimenta afetos, sonhos e uma utopia em um movimento que permite que o invisível atue sobre o visível, na condição da mística dos afetos sobre o campo político.

Diante das análises podemos considerar que a midiaticização presente na luta pelo direito à cidade acontece desde uma teia comunicativa que envolve o corpo presente nas redes sociais, o corpo performático em dança e boletins comunitários. O direito de dizer a palavra é rasgado pelos sujeitos historicamente subalternizados, constituídos desde o saber-ser das matrizes negadas pela ciência positivista e eurocêntrica. Os sujeitos presentes neste estudo buscam nos saberes da terra, dos rios, das ruas e nos gritos que ecoam no ar o combustível para as suas estratégias comunicativas sensíveis. A comunicação está constelada com novos ambientes, onde a memória é lugar necessário na retomada da vida cotidiana e afetividades.

Podemos observar também que a comunicação em viés contra-colonialista e pautada nos saberes e práticas afropindorâmicos, quer dizer, que demanda saberes outrora subalternizados, que passam a assumir lugar de centralidade, dá às condições de reivindicar a palavra em prol da construção de uma cidade inclusiva e de direitos. A construção desta comunicação insurgente é capaz de reelaborar a tríade da inteligência sensível: Sentir-Pensar-Agir. É preciso uma intuição analítica e afetiva para agir sobre a cidade e anunciar-comunicar esperanças.

Referências

ANZALDÚA, Glória. **La conciencia dela mestiza/Rumo a uma nova consciência**. Estudos feministas, Florianópolis, 13 (3), p. 704-719, setembro/dezembro, 2005.

BISPO, Antônio dos Santos. **Contra Colonização, Quilombo: modos e significações**. Brasília: UnB, 2015.

HARVEY, David. **O espaço como palavra-chave**. EM PAUTA, Rio de Janeiro _ 1o Semestre de 2015- n. 35, v. 13, p. 126 - 152.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: conceituando a mudança social e cultural**. MATRIZES, v. 8, n. 1, São Paulo, jan-jun 2014, p. 21-44.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. - 1 ed. - São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **A teoria barberiana da Comunicação**. In: Entre comunicação e mediações: visões teóricas e empíricas/ Eneus Trindade, Juciano de Sousa Lacerda, Mário Luiz Fernandes (organizadores) - São Paulo: ECA-USP, 2019; Paraíba: Ed. da UEPB, 2019. 240 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diversidade em convergência**. V. 8- Nº2, jul./dez. 2014, São Paulo, p. 15-33.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente – Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Rio de Janeiro: Editora Vozes;2015.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

TERESINA. PREFEITURA DO MUNICÍPIO. SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO. **Programa Lagoas do Norte**: Marco de Reassentamento Involuntário das Famílias e Imóveis Afetados pela Implantação da 2ª Fase do PLN. Teresina: SEMPLAN, 2014.